



## *Apresentação do Dossiê\**

*Mauricio Piatti Lages  
e Thomas Amorim*

\*Recebido em:  
17/12/2021  
Aprovado em:  
18/12/2021

O dossiê temático “*O amor, seus símbolos e mediações contemporâneas*” visa contribuir para o debate sobre o aspecto social das afetividades, um dos temas complexos enfrentados pelas ciências sociais atuais. Uma sociologia do amor romântico e passionai, nesse caso, lida com um sentimento que se faz na confluência de elementos históricos, psicológicos e biológicos, mas que encontram sua articulação transitória nas condições específicas com as quais uma dada sociedade organiza os sentimentos afetivo-sexuais, as formas legítimas de estruturação familiar e os mecanismos de expressão dos impulsos sexuais.

O questionamento que orienta os trabalhos reunidos na presente edição trata do modo como o amor atravessa um momento de conflito acerca de seus símbolos, códigos e convenções. É uma transforma-

ção na linguagem e prática do “amor a dois” que o faz um sentimento paradoxal e enigmático, perpassado por diferentes conjugalidades, anseios românticos, desejos sexuais e visões terapêuticas. Cada um dos artigos aqui reunidos trabalha o problema a partir de um enfoque original e diverso, enriquecendo o conhecimento socioantropológico sobre o tema.

Talvez o amor seja realmente a instituição mais debatida e cultuada de toda a história humana. Se as canções, poesias e histórias de amor, como fontes de saber, iluminam os afetos, desejos e filosofias da paixão, as ciências humanas podem atestar o aspecto sócio-histórico e não-natural do amor em suas múltiplas semânticas. À vista disso, as ciências sociais costumam interpretá-lo como um constructo simbólico em permanente transformação.



As metamorfoses do sentimento amoroso sempre estiveram relacionadas a seus embates com códigos rivais e constrangimentos sociais diversos, portanto, modificaram-se em função tanto das estruturas de subjetivação de cada época histórica quanto das relações de poder entre os gêneros e orientações sexuais. No mundo contemporâneo, o “amor romântico” continua a se transformar em conexão com as injunções da sociedade de consumo, do individualismo e das técnicas sociais constituídas por uma sociedade hiperacelerada.

Partimos da constatação de que interpelar o amor como processo social pode suscitar interessantes reflexões e nada melhor do que começar essa empreitada por um estudo das mediações que orientam a conduta amorosa atual, em especial através do cinema, da literatura, do teatro e de outros artefatos culturais que constroem o amor na imanência de suas formas.

*Fragmentação e incerteza no código amoroso contemporâneo*, de Mauricio Piatti Lages, desenvolve o entendimento de que a paixão deixa de ser o único eixo do código amoroso, que atualmente se encontra estilhaçado e cindido entre múltiplas determinações. O argumento se articula em três passos nos quais discute: as perspectivas antagônicas

de Zygmunt Bauman e Anthony Giddens; a evolução semântica do amor em direção ao *ethos* terapêutico, em Niklas Luhmann; e a disjunção contemporânea do amor e os seus efeitos contraditórios sobre os agentes que se deparam com signos e práticas tão divergentes.

O artigo *O amor no âmago da aceleração – Noah*, de Nayara Baiochi, analisa o curta-metragem canadense *Noah* (2013), de Cedeberg e Woodman, discutindo a relação entre amor e tecnologia. O impacto da tecnologia nas formas de sentir e vivenciar o amor é delineado a partir de uma cuidadosa reflexão sobre a linguagem figurativa do filme e seu modo de perspectivar a transformação em curso no âmbito do amor nas sociedades contemporâneas. O conceito-chave de aceleração norteia sua reflexão sobre a forma do sentimento numa era de velocidades crescentes que alteram a experiência do tempo. Isso fica evidente na análise que a autora faz, por exemplo, da montagem e do movimento da câmera no filme, que encarna o olhar agitado de Noah e que perambula por entre imagens e vídeos, telas de computador e aplicativos de *smartphone*.

*Amores aos Montes: amor e consumo na sociedade contemporânea*, de Cláudia Samuel Kessler, Juliê Makumbi Pontes Zola e Maria Catarina Chito-

1. “Eu posso ir a qualquer lugar em 25 minutos” - o título é uma brincadeira com essa frase de Anne Lister, que aparece algumas vezes na série e representa, literalmente, seu amor pelas caminhadas ao ar livre e, metaforicamente, o movimento constante de sua vida de busca de autonomia, independência e liberdade para que ela pudesse ser quem era.

lina Zanini, mostra os diferentes aspectos do amor a partir da peça “Amores aos Montes”, de autoria de Felipe Martinez e encenada pelo grupo Teatro Por Que Não?, de Santa Maria – RS. Os atos da peça de rua orientam a reflexão que se desdobra sobre os aspectos consumistas do amor no presente, a descartabilidade dos amantes, a natureza do vínculo romântico, a ética individualista e os limites da experiência amorosa diante de tal contexto. Ao entremear trechos da peça, as autoras costuram uma análise sobre os nexos entre as lógicas da racionalidade econômica e as práticas e sentimentos amorosos cotidianos.

Já o artigo *A gestão do afeto e o afeto da gestão: a crise na semântica do amor romântico a partir da “Trilogia do Antes” (1995-2013)*, de Richard Linklater, de Thomas Amorim, se debruça sobre as obras cinematográficas da chamada *Trilogia do Antes* com o propósito de diagnosticar as amplas transformações na semântica do código romântico e suas repercussões no engajamento amoroso contemporâneo. As contradições afetivas são percebidas como fruto das tensões que envolvem as hierarquias de gênero e o fenômeno da atomização social, o qual se articula com o processo da modernização capitalista em longo prazo. Tudo isso leva o autor a questionar se a “crise do amor romântico” não estaria, na verda-

de, subsumida nos novos modelos de normatividade afetiva que apelam para uma temporalidade efêmera e que dificultam, com isso, a possibilidade de se construir a duração do encontro.

Finalmente, em *Gentleman Jack em 25 minutos1 - A incrível história de Miss Lister!*, Mônia Silvestrin se impõe à tarefa de fazer uma introdução ao mundo de Anne Lister, proprietária de terras inglesa lésbica que viveu no início do século XIX e registrou sua existência em diários metodicamente escritos durante toda sua vida. Mas a autora o realiza partir da série *Gentleman Jack*, produzida pela BBC/HBO, que estreou no Brasil em abril de 2019. Reunindo dados de seus diários, pesquisas acadêmicas, material produzido por fãdons e jornalistas, procura-se construir uma narrativa sobre a vida de Lister que articule informações biográficas com o processo de produção da série, sua recepção e impacto junto à comunidade LGBTQIA+. São realizadas, ainda, análises de diferentes aspectos de *Gentleman Jack* relevantes para a sua compreensão como produto de entretenimento, ao mesmo tempo em que se aborda as possibilidades de acerto de contas com certas dimensões do passado e com as formas de representação do amor lésbico tradicionais desse suporte. Para Silvestrin, a construção da biografia de Lister em lin-



guagem televisiva estabelece uma delicada e potente relação não só entre o ficcional e o real, mas sobretudo entre as diferentes temporalidades implicadas no modo como sua existência chega até nós, e na apropriação e elaboração de novos sentidos para os passados que elegemos como parte de nosso presente.

O quadro formado por tais contribuições pode ser de grande valia para aqueles que almejam compreender as mutações que o sentimento amoroso vem sofrendo nas últimas décadas e que tocam, de uma maneira ou de outra, a vida íntima daqueles que vivem no tempo presente.